



VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**SÃO PAULO, CAPITAL DA MÚSICA: MEMÓRIA E ESCRITA  
AUTOBIOGRÁFICA EM *VOCAÇÃO E ARTE*, POR ARMANDO  
BELARDI (1898-1989)**

Ana Paula dos Anjos Gabriel\*  
Susana Cecília Igayara-Souza\*\*

Armando Belardi (1898-1989) foi um maestro brasileiro que fez parte da elite artística de São Paulo durante o século XX. Paulistano nascido no Brás, era filho de imigrantes italianos. Belardi estudou violoncelo com Guido Rocchi, italiano radicado em São Paulo, e depois na Itália, na *Academia Real Santa Cecilia*, em Roma, e no *Liceo Musical Gioacchino Rossini*, em Pesaro. Apesar de ter se formado violoncelista, o enfoque de sua carreira musical foi a regência, sobretudo de ópera. Especialista na obra de Carlos Gomes, regeu a primeira gravação na íntegra feita da ópera *Il Guarany* em 1959.

Além de sua atividade em orquestras e óperas, ocupou cargos na prefeitura e no governo estadual paulista, lecionou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, e trabalhou em rádios como a Rádio Record, a Rádio Cultura e a Rádio Gazeta.

\* Mestranda em Música pela Escola de Comunicações e Artes da USP com bolsa CAPES, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares nas Artes do Canto (GEPEMAC).

\*\* Docente da Escola de Comunicações e Artes da USP, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares nas Artes do Canto (GEPEMAC), Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP.

Em 1939, ajudou a criar a Orquestra Sinfônica Municipal e o Coral Lírico de São Paulo. Desde então, Belardi atuou como diretor artístico do Theatro Municipal e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal, e permaneceu nesse cargo até 1975.

Na velhice, embora atuasse apenas esporadicamente em espetáculos e em projetos culturais, era considerado autoridade em música erudita e ópera em São Paulo. Em 1986, aos 89 anos de idade, publica *Vocação e arte: memórias de uma vida para a música* pela Edição Manon – extinta editora da Casa Manon, comércio de instrumentos e artigos musicais de São Paulo.

Auxiliado por inúmeras fotos, correspondências, programas de concerto e outros documentos impressos nas páginas de *Vocação e Arte*, Belardi narra sua trajetória mesclando-a à vida artística que conheceu da São Paulo do século XX, na posição de importante maestro e agente cultural – especialmente a primeira metade deste século, auge de sua carreira. José da Veiga Oliveira, importante intelectual, jornalista e crítico de música erudita, escreve no prefácio de *Vocação e arte*:

“Enquanto Armando Belardi progredia do violoncelo ao quarteto de cordas; deste para o comando de concertos sinfônicos e as grandes temporadas líricas, a cidade de São Paulo assumia o rumo explosivo, alucinante, incoercível de uma cosmopolita metrópole. Na década de 1930-1940, a Municipalidade instituiu (*sic*) o Departamento de Cultura, mais tarde integrando uma Secretaria homônima. Criaram-se os corpos estáveis [do Theatro Municipal]. Multiplicaram-se apresentações de música de câmara, vocal e instrumental, e sinfônica. Temporadas líricas trouxeram ao planalto de Piratininga algumas das mais qualificadas vozes da atualidade. Fomos visitados por grandes conjuntos como as Filarmônicas de Viena e New York, a *Concertgebouworkest* (Amsterdã). A *phillarmonia Orchestra* (Londres), *Hallé (Manchester)*, *Teatro Colón* (Buenos Aires), *Orchestre de Paris*, a *National de la Radio-Télévision Française*, a *Cleveland Orchestra*, etc. Por outra parte, a iniciativa particular gerou a efêmera, porém brilhante Orquestra Filarmônica de São Paulo. [...] (VEIGA *in* BELARDI, 1986: 6)

Referida muitas vezes por Belardi como uma cidade que tinha potencial para ser a “Capital da Música” ou uma “Capital Artística” do Brasil, a São Paulo que vivenciou no ápice de sua carreira passava por um processo de renovação de suas práticas artísticas. Em *A Cultura Brasileira* (2010), o educador Fernando de Azevedo (1894-1974) descreve esse processo de renovação artística na área musical, que ocorria não somente na capital paulistana como também em outros polos artísticos do país:

As instituições musicais multiplicam-se pelo país, em que começam a figurar, ao lado do Instituto Nacional de Música, do Rio – o mais antigo dos estabelecimentos desse gênero -, o Conservatório de Música, do Recife, o de Porto Alegre, organizado em 1910, o Conservatório Dramático e Musical, de São Paulo, fundado em 1906, a Sociedade de Concertos Sinfônicos (1921) e a Sociedade de Cultura Artística, que se fundou também, por essa época, em São Paulo, e já promoveu cerca de quinhentos saraus ou recitais. Esse movimento de expansão artística que se produziu, ainda que sem grande vigor, a não ser na capital paulista, não foi sem consequências para a evolução das artes no Brasil: fragmentou, no seu centrifugismo, a orientação uniforme do antigo aparelhamento oficial, dando maiores oportunidades à expansão de forças e ao desenvolvimento de correntes diversas e dilatando cada vez mais, sobre o território nacional, o campo de atividades artísticas. (AZEVEDO, 2010: 512)

Com uma escrita autobiográfica peculiar, *Vocação e Arte* é uma obra ainda pouco citada como bibliografia de pesquisa em práticas culturais, cuja circulação restringiu-se à esfera da música erudita e da ópera. Neste artigo, por meio do referencial teórico utilizado, pretende-se identificar aspectos do conteúdo do seu discurso que possam servir de subsídio para a pesquisa em práticas culturais e contribuir para a difusão e divulgação de *Vocação e arte* como fonte de pesquisa.

### **A ESCRITA DE SI DE ARMANDO BELARDI: MEMÓRIAS DE UMA VIDA PARA A MÚSICA**

A escrita autobiográfica de Belardi em *Vocação e Arte* assume muitas características comuns ao gênero autobiográfico estudadas por teóricos como Lejeune (1975) e Alberti (1991). Para a análise dessa escrita, parte-se em primeiro lugar da concepção de autobiografia enquanto síntese feita pelo autor em busca de uma significação da vida registrada, para si mesmo e para outrem, e de autobiografia enquanto explicação do que se passou e sobretudo uma explicação do autor de si mesmo, tal como expresso no trabalho de Alberti sobre literatura e autobiografia (1991).

Nessa concepção encaixa-se *Vocação e Arte*, caracterizando-se como autobiografia desde os primeiros relatos do livro. Dividido em seções por assunto, e não por capítulos, Belardi narra seu nascimento, a infância e juventude no Brás, os estudos na Itália, seu casamento, os filhos, além da carreira musical exposta em suas múltiplas vertentes: as rádios, as orquestras, o ensino de música, o Theatro Municipal e,

principalmente, a ópera. Entretanto, essa divisão tampouco é estrita: mudanças de assunto em uma mesma sessão são frequentes.

Belardi começa o livro narrando em terceira pessoa para tratar de acontecimentos imemoriais como a vinda de sua família ao Brasil e seu próprio nascimento. Depois, ao retratar a infância, o maestro já utiliza a narração em primeira pessoa, que predomina em todos os outros relatos de *Vocação e arte*.

A intenção de explicar-se por meio da autobiografia faz-se presente especialmente nos textos sobre projetos artísticos frustrados, e sobre as desavenças com políticos ou colegas de profissão, como o movimento que procurou tirá-lo da diretoria da *Sociedade de Concertos Symphonicos* em 1930. Sem mencionar o nome de seus desafetos, que seriam 20 sócios da *Sociedade*, o maestro descreve a disputa judicial pela diretoria da entidade, na qual Belardi saiu-se vitorioso. Em *Vocação e Arte*, há uma cópia de parte da ata da Assembleia Geral Extraordinária convocada pela justiça para julgar a causa, como exemplo da utilização de documentação para dar veracidade aos acontecimentos narrados. (BELARDI, 1986:60-61)

No parágrafo final do livro, Belardi deixa transparecer suas motivações pessoais para a escrita do livro, ao mesmo tempo em que estabelece o pacto autobiográfico de Lejeune, em que Belardi, “participante vivo dos acontecimentos”, compromete-se com a veracidade dos fatos narrados na autobiografia:

Com esta última programação termino esta minha Autobiografia, procurando narrar um pouco do que conheci da vida cultural, artística e social da nossa Cidade. Procuo descrevê-la em minúcia, na certeza de que muitos assuntos que relato são completamente desconhecidos da maioria da população paulista dos últimos 50 anos. Procurei ser sincero, pois tornei-me, na maioria das vezes, participante vivo dos acontecimentos. (BELARDI, 1986: 170)

Ao mesmo tempo em que se caracteriza como autobiografia, nota-se não só nesse parágrafo final como por toda a obra um desejo do próprio autor de que *Vocação e arte* seja mais do que uma escrita de si. Em uma reportagem no Estado de São Paulo de 16 de fevereiro de 1986 sobre Belardi e seu livro, pode-se ler:

A história da música sinfônica e lírica em São Paulo, neste século, tem muitos pontos em comum com a história de um homem, o Maestro Armando Belardi, fundador, há 47 anos, da Orquestra Sinfônica Municipal. E são essas duas histórias, mescladas, que ele conta no livro que acaba de escrever, ainda sem editor, ilustrado por inúmeras fotos, cartazes e programas. (PENTEADO, 1986: 31)

Aos relatos autobiográficos interpolam-se sessões com linguagem de teor histórico e informativo, em que discorre sobre entidades artísticas como a *Sociedade de Cultura Artística* e a extinta *Sociedade de Concertos Symphonicos*, além de estabelecimentos culturais da cidade como teatros, cinemas, e casas de música. Nessas sessões, o maestro escreve essa “história” da cidade, que na realidade, como distingue Pierre Nora (1993), caracteriza-se não como história, mas como memória: como o próprio Armando Belardi escreve no parágrafo final de sua obra, o que se encontra em *Vocação e Arte* não é um passado não vivido e distante do autor, uma história intelectualmente construída do meio artístico de São Paulo, mas apenas o que Belardi vivenciou da “vida cultural, artística e social da nossa Cidade”, a partir da posição privilegiada que exerceu como maestro e agente cultural.

Depois de prover o leitor de informações históricas, frequentemente o maestro quebra o teor histórico da narração e comenta algo que relaciona tal instituição ou sociedade à sua vida, na medida em que a trajetória de Belardi entrecruzava-se com a vida dos teatros, das salas de concerto e as sociedades artísticas sobre os quais escreve. Como, por exemplo, este trecho em que Belardi relata sua atuação como pianista e sua relação com o ator Leopoldo Fróes em meio a um trecho do livro dedicado ao extinto Teatro São José – o segundo teatro com este nome na cidade - inaugurado em 1909 na Rua Xavier de Toledo, no centro de São Paulo:

Por esse Teatro passaram todas as grandes Cias. que vinham do exterior: líricas, de operetas, comédias, revistas, variedades, etc.. pois era o teatro que se prestava a quaisquer gêneros. Era também o teatro preferido pelo nosso saudoso ator Leopoldo Fróes. Quem não lembra esse insuperável galã?...

Foi nas temporadas de Fróes, que, como de costume na época, uma pequena orquestra preenchia os intervalos dos espetáculos e eu tomava parte como pianista. Foi então que conheci o Leopoldo Fróes, de quem tornei-me amigo. (BELARDI, 1986: 20)

Fazem-se presentes na autobiografia de Belardi, enquanto síntese que o autor faz de sua própria vida, as discontinuidades a que necessariamente estão suscetíveis esses relatos que são apresentados ao leitor como verdadeiros e “sinceros”. Sobre essas discontinuidades, Alberti (1991) analisa:

Assim, se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem

relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. É essa busca também que prevalece na estrutura do texto, os relatos ganhando sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia. (ALBERTI, 1991: 75)

Na síntese feita por Belardi, seu discurso não obedece a uma ordem estritamente cronológica, e tampouco detalha de maneira equilibrada cada aspecto da trajetória de vida do maestro, envolvendo a seleção de certos acontecimentos – e também a seleção de artistas que são contemplados pela obra - em detrimento de outros. Enquanto é dedicada a Heitor Villa-Lobos uma seção inteira, por exemplo, outros músicos são apresentados sem nenhuma informação adicional, como “Guaglietta”, um professor imigrante do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo mencionado na obra. (BELARDI, 1986: 32)

Entre as omissões de acontecimentos, estão as circunstâncias em que saiu da direção artística do Theatro Municipal em 1975, sem nenhuma referência direta ao acontecimento, culpando apenas a “ambição de colegas” e mudanças administrativas na prefeitura pela pouca atividade profissional do maestro naquele ano. (BELARDI, 1986: 159)

Uma outra omissão que traz questionamentos instigantes sobre Belardi é a ausência no livro de qualquer referência à Semana de Arte Moderna de 1922. Evento ocorrido no Theatro Municipal de São Paulo enquanto Belardi já atuava nos principais centros artísticos da cidade, envolveu importantes artistas, inclusive Heitor Villa-Lobos, com quem Belardi se relacionou durante sua carreira artística. Entretanto, Belardi não dedica nenhuma parte de *Vocação e Arte* à Semana de 1922.

### **VOCAÇÃO E ARTE: TEMÁTICAS EMERGENTES E PERSONALIDADES DA MÚSICA ERUDITA NA SÃO PAULO DO SÉCULO XX**

É a partir dessa natureza híbrida de autobiografia e memórias, com todos os comentários, anedotas, omissões, ausências, seleção de fatos, retratos de personalidades artísticas e de lugares da cidade que *Vocação e Arte* se constitui uma importante fonte de pesquisa de práticas culturais da cidade de São Paulo no século XX.

As citações e relatos sobre personalidades do meio artístico de São Paulo são numerosas. Como maestro atuante na cidade, Armando Belardi conviveu com músicos como os compositores Camargo Guarnieri, Francisco Mignone e Heitor Villa-Lobos, a pianista Guiomar Novaes, a cantora lírica Bidu Sayão, entre outros que aparecem em *Vocação e arte*. Em trecho da seção *Heitor Villa-Lobos*, Belardi relata:

Villa-Lobos, apesar de manifestar grande vocação para a composição, vivia da sua profissão na orquestra, quando o conheci, tocando no Teatro Recreio, um dos mais frequentados teatro (*sic*) de revista do Rio de Janeiro. O Villa, como era familiarmente chamado, vinha frequentemente a São Paulo, e na realidade com sacrifício, pois se hospedava no modesto Hotel Palace, da rua Florêncio de Abreu. [...] Villa recebera de minha parte muita ajuda e incentivos artísticos, pois em São Paulo não era muito conhecido. [...]

Villa, com as contínuas viagens à São Paulo, passou em minha companhia a frequentar as “Soirées” das quartas-feiras, na mansão do velho Senador Freitas Valle, bem como em outros meios artísticos e culturais da cidade e principalmente as que se realizavam no palacete da grande dama da nossa sociedade, Dona Olivia Guedes Penteadó.

Villa-Lobos, na contínua convivência com Dona Olívia e sendo ele uma figura de relevo e simpatia, captou a proteção da ilustre dama, tanto assim que com a colaboração efetiva do Dr. Caio da Silva Prado, também amante da arte e dos artistas, promoveram ambos uma viagem de Villa Lobos para a Europa, fixando-se em Paris.[...] (BELARDI, 1986: 46)

Alguns relatos, que Belardi frequentemente chama de “notas interessantes”, têm cunho anedótico. Belardi narra um desses episódios, protagonizados em 1950 pelo então prefeito de São Paulo, Linneu Prestes (1897-1958), e pelo maestro e compositor italiano Furio Franceschini(1880-1976). Na ocasião, uma comissão de especialistas que incluía o prefeito e o maestro foi à Igreja Nossa Senhora Auxiliadora testar o órgão Tamburini, já que cogitava-se comprar um instrumento da mesma marca para o Theatro Municipal:

[...] Na ocasião deu-se um fato interessante. O Prefeito, que gostava de música, atendeu a um pedido do Maestro Franceschini para que lhe tocasse 3 (três) notas, para ele executar um improviso. As notas, tocadas, recordo-me, foram: dó-mi-sol. Franceschini improvisou uma verdadeira composição, com “apenas” três notas do tema, que acredito que muitos nem com todas as sete notas o fariam... (BELARDI, 1986: 51)

Em menor número, há também o registro de acontecimentos importantes no meio artístico paulistano, como a vinda de um intérprete estrangeiro de renome. São dedicadas seções inteiras com fotos em alguns desses acontecimentos. O maestro Arturo

Toscanini (1867-1957), por exemplo, figura em dois relatos: a vinda da Orquestra Sinfônica NBC de Nova York para o Brasil, comandada pelo maestro italiano; e “Uma nota interessante” em que Toscanini, com apenas 19 anos de idade, substituiu o maestro brasileiro Leopoldo Miguez de última hora. Belardi afirma que “dessa maneira deu-se no Brasil o início da carreira do maior regente de todos os tempos” (BELARDI, 1986: 18)

Grupos musicais também são mencionados frequentemente por Belardi. A Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo figura na maior parte das citações, mas também são citados o Coral Paulistano, o Coral da Sociedade Philarmônica Lyra de São Paulo, e a Banda da Força Pública de São Paulo. Também são contemplados grupos internacionais como a Orquestra Sinfônica NBC de Nova York, e a *All America Youth Orchestra*.

A música erudita na cidade evidentemente predomina entre os relatos em relação a outras manifestações artísticas, mas há menções a artistas, empresários, espetáculos e estabelecimentos ligados também ao teatro, à dança - sobretudo ao *ballet* - e ao cinema. Entre os artistas mencionados, há a bailarina gaúcha Chinita Ullman, e os atores portugueses Lucinda Simões e Furtado Coelho. Em *A era do cinema em São Paulo*, uma de suas incursões feitas pela vida cultural de São Paulo, o autor até narra as primeiras iniciativas de empresários culturais de trazer para a cidade o cinema falado.

No caso de suas memórias sobre espaços culturais e artísticos de São Paulo, Belardi lista eventos artísticos que tais lugares comportaram, alguns artistas que neles se apresentaram, os empresários culturais desses estabelecimentos, muitas vezes acompanhados de fotos e dados como datas e o endereço em que se encontravam. Alguns estabelecimentos artísticos e entidades remetem parte de seu período de atividade à segunda metade do século XIX, como o extinto Teatro São José, o primeiro com o nome construído na cidade, criado por ato público em 1858. (BELARDI, 1986: 16-17) A maioria dos lugares contemplados por *Vocação e Arte* foram extintos, como o Teatro Sant’Anna e o Cine-Teatro Piratininga.

Também aparecem no livro políticos e figuras da alta sociedade paulistana como a própria Olivia Guedes Penteadado e Maria de Lourdes Prestes Maia, consideradas pelo autor verdadeiras amantes e patronesses das artes em São Paulo.



Juntos, todos esses importantes espaços de prática musical e agentes culturais de São Paulo fornecem subsídios para uma compreensão maior de mecanismos de produção, distribuição e recepção de música erudita e de ópera na cidade durante o período retratado.

Também emergem do livro temáticas como a relação entre políticos e músicos. O maestro, em especial, presenciou durante sua trajetória profissional diversas mudanças administrativas tanto na prefeitura quanto no governo estadual, o que permite entender as práticas musicais e suas mudanças em relação ao poder político, sejam na Primeira República, no período Vargas ou durante a ditadura militar. No livro, há claramente a situação de dependência da atividade artística em relação ao campo político, o que pode ser percebido tanto pelas críticas como pelos elogios às personalidades políticas. Em *Demagogia, Incompetência, Frustração*, Belardi comenta: “Atingi a velhice, e durante toda a minha existência procurei fazer o possível e o impossível, mas sempre encontrei uma barreira...a má vontade do Poder Público.” (BELARDI, 1986: 169)

Outra temática que emerge é a dos empresários culturais. A São Paulo em que Belardi viveu foi marcada pelo dinamismo e empreendedorismo de vários empresários culturais, como Walter Mocchi e Alfredo Gagliotti, empresários da ópera, e João Quadros, do Cine-Teatro Paramount. Os empresários aparecem à frente de iniciativas pioneiras na cidade, como a vinda do cinema falado, cuja iniciativa mais bem sucedida, segundo Belardi, foi a de Quadros com os filmes falados da produtora americana Paramount.

São responsáveis também por manter um intenso intercâmbio artístico da metrópole com o exterior. No livro, é especialmente visível esse intercâmbio da ópera de São Paulo com a Itália. Muitas vezes imigrantes ou de ascendência italiana, esses empresários mantinham contato com a elite artística da ópera na Itália. Foi em 1951, pela empresa de Alfredo Gagliotti, que o público paulistano teve a oportunidade de ouvir prestigiados cantores líricos como Maria Callas, Renata Tebaldi e Giuseppe di Stefano. Além de cantores solistas, eram responsáveis pela vinda de companhias líricas italianas.

Esse intercâmbio era bilateral: assim como trouxeram a ópera da Itália para o Brasil, tais empresários também levaram um pouco da ópera do Brasil para a Itália. A apresentação da ópera *Il Guarany* de Carlos Gomes no *Teatro Massimo* da cidade italiana de Palermo em 1974, foi, por exemplo, promovida também por Alfredo Gagliotti. O espetáculo foi feito com elenco, músicos e bailarinos brasileiros sob a regência de Belardi. Em um outro episódio presenciado e registrado por Belardi na autobiografia, Bidu Sayão

apresenta-se pela primeira vez para o empresário Walter Mocchi: “Desde esse momento, Bidu Sayão tornou-se verdadeiro astro nacional, e Mocchi, tomou-a sob sua proteção. Levou-a para a Itália e apresentou-a nos mais importantes teatros da Europa. [...]” (BELARDI, 1986: 94) Dessa forma, aspectos da dinâmica empresarial ligada à produção artística podem ser estudados, o que é particularmente relevante para a história da ópera no Brasil.

A imigração italiana é, inclusive, uma presença constante em *Vocação e Arte*. Na opinião de Belardi, a atuação da colônia italiana na vida cultural de São Paulo na primeira década do século XX é tamanha que, se não fossem os músicos imigrantes italianos, não teria quem tocasse nas orquestras de São Paulo, nem quem ensinasse música. Com a maior parte das escolas e conjuntos formados por italianos na metrópole extintos, a contribuição de músicos, regentes e professores de música da colônia italiana para São Paulo ainda hoje é uma contribuição cultural pouco estudada, e há na escrita do maestro uma intenção de perpetuar essa contribuição. O flautista Alfério Mignone, o pianista Luigi Chiaffarelli, e o organista e pianista Angelo Camin são exemplos de músicos imigrantes citados em *Vocação e Arte*.

Uma outra temática é a profissão de músico no Brasil, presente na linguagem repleta de jargões profissionais e nos episódios da carreira do maestro. Sujeita às mudanças políticas e econômicas, à falta de instituições sólidas de abrigo à prática musical, à falta de políticas públicas de longo prazo para a área cultural, à escassez de estabelecimentos de educação musical de qualidade, a trajetória de Belardi apresenta problemas que os músicos no Brasil até hoje enfrentam. A falta de incentivos financeiros para a viabilização dos projetos de Belardi, as mudanças de direção artística que ocasionavam demissões e cancelamento de projetos, a dissolução do *cast* artístico da Rádio Record por causa da perseguição getulista são apenas alguns episódios de *Vocação e arte* que expõem alguns aspectos da profissão.

Uma última temática da autobiografia é a acusação de que, à época que o livro foi escrito, vivia-se uma “decadência cultural”: “[...] Belardi se diz completamente desiludido com a cultura em São Paulo, cidade que teve tudo para ser a capital cultural do País, título hoje, para ele, irremediavelmente perdido. ‘É lutar contra o impossível. Vivemos hoje uma completa decadência cultural no Brasil inteiro. [...]’” (PENTEADO, 1986: 31)

Essa “decadência cultural” teria como causas, segundo o maestro, a ausência de escolas de música erudita de qualidade, as poucas políticas públicas na área de Cultura, e a falta de mais salas de concerto.

A acusação de Belardi coincide com uma época de intenso debate nos meios de comunicação a respeito dos espaços artísticos e das políticas públicas na área cultural da cidade, cujo estopim foi a segunda reforma (1980-1991) do Theatro Municipal. Eram discutidas a condução dessa reforma feita pelos órgãos governamentais, além do fato de não haver outras salas de concerto do porte do Theatro Municipal em São Paulo. A autobiografia e as memórias de Belardi sinalizam, portanto, um possível diálogo com essas questões, e suas propostas seriam a São Paulo de outrora e a construção de um teatro exclusivo para óperas na cidade.

O retrato de São Paulo e de seus artistas feito por Belardi em *Vocação e arte* é, portanto, uma uma necessidade de imortalizar uma São Paulo da qual há apenas alguns resquícios no momento da escrita: a São Paulo dos imigrantes italianos, dos políticos amantes da arte, de teatros que não existem mais, dos cinemas e rádios que mantinham uma programação de qualidade de música erudita, das pessoas que saíam com sua melhor roupa para assistir ópera, e do ensino de música de qualidade.

Mas a denúncia dessa “decadência” seria também uma rejeição a ideais estéticos e artísticos diferentes dos de Belardi. Na velhice, afastado dos principais centros de produção artística, assistindo à ascensão de uma nova elite artística e política na metrópole com outra orientação artística e cultural, Belardi defende em seu discurso uma arte conservadora, europeizada, elitizada, “clássica”: o *ballet* clássico, a música de mestres consagrados da música europeia e da música brasileira como Carlos Gomes, e, especialmente, a ópera. A defesa dessa cultura “clássica” se faz clara no seguinte trecho sobre a gestão do então Secretário de Cultura Mario Chamie:

[...] Na verdade o Dr. Chamie tomou certas deliberações que só serviram para descentralizar o funcionamento do nosso Teatro Municipal. De início acabou com o “Corpo de Baile do Teatro” como parte integrante dos Corpos Estáveis, criando ou seja, transformando-o em “Ballet da Cidade de São Paulo”. Resultado: o Teatro Municipal ficou privado de seu Corpo de Bailado, e sempre que ele necessitou, teve que recorrer ou à Escola Municipal de Bailado (alunos) ou às Escolas particulares, sendo que o Ballet da Cidade de São Paulo passou a exibir-se independentemente, e mesmo abandonando a base de todas as escolas ou seja: a clássica. (BELARDI, 1986: 167)

Defensor da ópera na capital, neste trecho está explícito como idealizava o Theatro Municipal como uma casa de ópera à semelhança das casas europeias:

[...]

Na realidade, o que era preciso e a totalidade dos artistas e do público de São Paulo desejavam e que ainda desejam, seria transformar o Teatro Municipal num verdadeiro centro de ópera, com todos os meios necessários, ou seja: escola de canto, de representação, de arte cênica, cenografia, “ateliê” e tudo que faz parte de uma grande organização lírica e operística, funcionando pelo menos durante 8 meses ao ano. [...] Desta forma, São Paulo teria voltado a ser a “Capital Artística” do país, igualada aos grandes teatros das principais capitais do mundo. Infelizmente, tudo isto foi um verdadeiro “sonho de uma noite de verão”.... (BELARDI, 1986: 168)

### CONCLUSÕES FINAIS

*Vocação e Arte: memórias de uma vida para a música* é um livro híbrido de autobiografia e memórias. Abrange não somente a vida de Armando Belardi, um importante maestro e intérprete brasileiro que atuou em importantes círculos de produção artística, sobretudo o Theatro Municipal de São Paulo, como também memórias do maestro da capital paulistana e dos artistas que passaram pela cidade.

Um olhar mais abrangente sobre o livro coloca-o em diálogo com as tensões artísticas e políticas que se instalaram na época em que fora escrito, caracterizadas por uma discussão sobre a segunda reforma do Theatro Municipal, que ampliou-se para a discussão sobre a situação das políticas públicas culturais na cidade relacionadas à música erudita e à ópera. Para Belardi, a antiga “Capital da Música” que vivenciou havia se transformado diante de uma “Decadência Cultural” que atingiu não só a capital paulistana, como o Brasil inteiro.

Apesar de todo o conteúdo do livro ser apresentado sob a ótica de Belardi, um maestro de formação clássica e europeia apoiada sob concepções estéticas e musicais do século XIX, e de envolver omissões, ausências e desequilíbrios entre os relatos, *Vocação e arte* constitui um\ fonte de pesquisa de práticas culturais. Além de parte da vida artística da cidade, há no texto a presença difusa do imigrante italiano, do músico profissional atuante no Brasil, da ação de políticos, empresários culturais e mecenas na cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito da narrativa. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2010. Coleção os Fundadores da USP, vol. 1.

BELARDI, Armando. **Vocação e arte: memórias de uma vida para a música**. Edição Manon. São Paulo, 1986.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

PENTEADO, Sílvia. Armando Belardi: “Vivemos uma decadência cultural”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo p. 31, 16 de fevereiro de 1986. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860216-34038-nac-0031-999-31-not/busca/Belardi+Armando>. Acesso em outubro de 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

